

**DO POUSO FRIO À VILA BOA ESPERANÇA
TRANSFORMAÇÕES URBANAS NAS MEMÓRIAS E NARRATIVAS ORAIS DE
TRABALHADORES DE TOLEDO-PR (DÉCADAS DE 1970 E 1980)**

JIANI FERNANDO LANGARO*

Neste trabalho abordaremos formas como moradores da cidade de Toledo vivenciaram transformações operadas no espaço urbano, entre as décadas de 1970 e 1980, problematizando as memórias e as narrativas orais de trabalhadores residentes no bairro Boa Esperança, outrora chamado de Pouso Frio. O local se originou de uma ocupação em área de posses, que, por muito tempo, permaneceu sem benfeitorias urbanas, pois o poder público municipal tinha como meta legalizar as áreas, antes de urbanizá-lo. O Pouso Frio ficou conhecido na cidade como uma espécie de *favela*, que foi *recuperada* através de uma série de investimentos em infra-estrutura.¹ Justamente por isso, procuramos trabalhadores residentes nesse bairro, para entrevistá-los, a fim de buscar as diferentes memórias que pontuaram esse processo de urbanização, o qual também assinalou a incorporação de seus habitantes à urbe.

Cabe frisar que este texto efetua um recorte, no interior de uma pesquisa mais ampla, que realizamos sobre movimentos sociais e transformações urbanas ocorridos nos bairros de população trabalhadora de Toledo, entre as décadas de 1970 e 1980. No bairro em estudo, não verificamos a atuação de movimentos sociais organizados, reivindicando melhorias urbanas – tal qual ocorreu em outras áreas da cidade, na década de 1980, o que nos instiga a refletir sobre como tais moradores compreenderam e se relacionaram com o processo de urbanização do bairro, realizado ainda no contexto ditatorial do Brasil.

Para melhor analisar as questões propostas pelo tema, dialogamos com os trabalhos de diversos autores, que nos auxiliaram a refletir sobre a cidade. Inspirados em Déa Ribeiro Fenelon, a entendemos como o lugar em que historicamente se constrói maneiras de viver – a

* Docente do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Campus do Pontal (Ituiutaba-MG), Bacharel e licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

¹ Essas questões podem ser encontradas na imprensa local, circulante na época, ou em livros de memórias sobre a cidade. (TRIBUNA D'OESTE, 1977, pp. 10-11 e SILVA; BRAGAGNOLLO; MACIEL, 1988. p. 400).

2

cultura urbana – em meio a tensões, conflitos e embates vividos no social, sendo a cidade também produto de relações sociais, memórias e experiências de seus moradores:

...buscamos propor investigações sobre as questões da cidade e da cultura urbana. Se compreendemos a cidade como o lugar onde as transformações instituem-se ao longo do tempo histórico com características marcantes, queremos lidar com estas problemáticas como a história de constantes diálogos entre os vários segmentos sociais, para fazer surgir das múltiplas contradições estabelecidas no urbano, tanto o cotidiano, a experiência social, como uma luta cultural para configurar valores, hábitos, atitudes, comportamentos e crenças. Com isto, reafirmamos a idéia de que a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação e do poder. (FENELON, 2000, p. 7).

Déa Fenelon entende a cidade como lugar privilegiado para se perceber as transformações históricas, abrindo-se a possibilidade do historiador observar como diferentes classes sociais vivenciaram as transformações, as tensões e os conflitos que emergiram nos procesos históricos de formação da urbe e como as pessoas se relacionaram com eles. A autora também chama a atenção para observarmos os costumes, valores e demais práticas cotidianas, como dimensão fundamental de tais processos de transformação, reafirmando a cultura como terreno de luta e a cidade como espaço de experiência social, contraditória e conflituosa, impregnada pelas relações sociais.

Em direção semelhante, Célia Rocha Calvo (2004) explora as memórias de trabalhadores da cidade de Uberlândia, tomando como foco central seu “viver urbano”, entre as décadas de 1940 e 1970. Em seu estudo, aborda como eles lembram o dia a dia na cidade, e coloca em primeiro plano a multiplicidade de olhares sobre a cidade, que emerge das recordações das pessoas, a qual assinala uma experiência multifacetada com o urbano (Idem. p. 156). A autora coloca em foco os sentidos que os sujeitos históricos atribuem ao seu viver urbano e às mudanças que nele experimentaram ao longo do tempo, cujas narrativas apontam para interações com marcos de memórias hegemônicas na cidade, em certos casos, enquanto em outros casos sinalizam para a produção de diferentes lembranças e temporalidades para a cidade. Dessa maneira, segundo Calvo, existia a *cidade de que falavam* as pessoas entrevistadas por ela, que, em certos casos, era a Uberlândia do crescimento urbano, dos projetos de desenvolvimento para o local (Idem. p. 157), mas o *lugar de onde falavam* era sua vida cotidiana, relatando como ela se modificou junto com a cidade.

3

Os trabalhos de Fenelon e Calvo muito nos auxiliaram a refletir sobre as diferentes formas como as pessoas experimentaram as transformações operadas no espaço urbano e como, a partir delas, atribuindo significados à cidade, nos permitindo pensar nas possíveis formas de abordagem das entrevistas produzidas com os trabalhadores que ouvimos na pesquisa, os quais não integravam um grupo coeso, ou um movimento social específico.

Assim, o primeiro relato que analisarmos é de João,² que, na época da entrevista, realizada em 20 de janeiro de 2010, contava 49 anos de idade e trabalhava na construção civil. Sua entrevista se deu por indicação de outro morador do bairro, a quem também entrevistamos e que nos ajudou a formar uma “rede” de contatos no lugar. João, por sua vez, nasceu no município de Alto Piquiri, próximo a Toledo, para onde seus pais se mudaram em 1961. Ali, inicialmente, compraram um terreno na Vila Operária, bairro de trabalhadores da cidade, surgido ainda na década de 1940, em princípios da formação urbana de Toledo. Após, sua família comprou um dos sítios que existiam no chamado Pouso Frio,³ onde foram morar, nos arredores da cidade, local que seria incorporado, na década de 1970, ao tecido urbano de Toledo, tornando-se um de seus bairros.

Como percebemos, os tempos em que viveu no sítio conformam a grande experiência vivida por João, que lhe rende histórias que relatou não apenas para nós, mas que costumava também falar para seus amios, como frisa ao longo de sua entrevista. João compreende-se como “pioneiro” do bairro e da cidade onde mora – título que, localmente, está associado ao de *fundador* –, algo perceptível em certas partes de sua entrevista, e por isso entende que tem uma história para contar, e que essa história é do período em que sua família chegou ao Pouso Frio, quando ali ainda existia a mata de pinheiros, animais selvagens e plantações. Assim, em determinados momentos, observamos que o narrador, ao tratar do local na década de 1970, faz contrapontos com os períodos anteriores, de sua infância, antes da transformação do local em *cidade*, ou seja, para falar das transformações urbanas do bairro, remetia-se ao período anterior à urbanização do local.

² Neste trabalho, optamos por substituir os nomes dos entrevistados por pseudônimos, tanto no corpo do texto como nos trechos transcritos das entrevistas.

³ O nome Pouso Frio tem origem na antiga denominação do local, Pouso Toledo, lugar que servia como ponto de apoio à exploração de erva-mate e como armazém intermediário, entre as áreas de colheita daquela planta e os galpões centrais. O termo *Frio* foi agregado posteriormente, para denotar a irregularidade, perante a justiça, daquelas terras.

4

Tal elemento demonstra como essa entrevista foi um momento de encontro entre uma pauta de questões o pesquisador tinha para realizar – o estudo das transformações do bairro – e o desejo do narrador de tratar das experiências que lhe foram marcantes ao longo da vida.⁴ Além disso, é importante pontuar que João já esperava pela entrevista, tendo mantido contato com José, o que indica que a nossa presença no local se tornou assunto entre os moradores.

Por fim, cabe-nos destacar que, apesar de privilegiar relatos sobre o período anterior a formação do bairro, João constrói ricas narrativas sobre o processo de avanço do urbano sobre o local, o que explica nossa opção em utilizar sua narrativa neste texto. Entre os diferentes temas, conversamos com ele sobre o processo de loteamento e legalização do bairro:

É, é, igual era o antigo Pouso Frio, aí, [...] porque esse [bairro] aqui foi legalizado, depois que o... finado meu pai ele, resolveu lotear, sabe? Antigamente era [...] um contrato que fazia, entende? Aí depois, desse contrato, que foi feito, aí meu pai resolveu, é... colocar [n]aquela imobiliária S... Sadiril, imobiliária Sadiril, que veio e, abriram as estradas né? Aí cortaram o terreno, aí através do [,] quem deu uma mão, pra fazer... fazer tudo a papelada desse, desse Pouso Frio aqui foi o... o Duílio Genari, sabe? [...] Foi ele, não foi outro, outro prefeito de jeito nenhum, foi ele. Então a pessoa que tinha aquele papelzinho lá igual você hoje faz um contrato hoje em dia né? Tá? Só que aquele tempo não ia registrar em cartório [...]. E através daquele, contrato, que o Duílio Genari, ele arrumou um cartório de imóvel aí então cada pessoa ia lá e... se era, comparação, duzentos, pra fazer uma escritura aquele tempo, a pessoa ia pagar setenta e cinco, oitenta reais, que ele tinha um, um convênio com o, escriturário, então eles fizeram, ah mas aqui[lo] ajudou muita gente você imagina o... né? E... e aqui o pai vendeu foi sessenta e... e três lotes aqui em baixo. Então através do Duílio Genari com esses contratos que a, que a imobiliária fazia pro pessoal, a imobiliária que vendia, dentro do contrato ali tá, tantos metros, aí o, aí o pessoal depois que pagava, o terreno [...] iam na imobiliária levava o, papel de quitação tudo. E cada, cada, pagamento era um recibo, aí iam lá pro tabelionato lá e, fazia o... registro de imóvel lá e, fazia a escritura, mas a escritura saía [custava] pela terça [parte do preço], tá? Nem, iche! Se, saía trezentos ia pagar uns setenta e cinco. [...] Então através, dele [ex-prefeito e atual deputado estadual Duílio Genari] que todo, todo pessoal hoje aí está com seu terreninho, cercadinho é... escrituradinho beleza, mas, mas é, aqui era difícil, era difícil [...].

João ressalta, na passagem acima, dois processos. Um deles foi o loteamento realizado por seu pai – em associação com uma imobiliária –, das terras que possuía no “Pouso Frio”, dando origem ao bairro em que o narrador e sua esposa vivem atualmente. Na sequência, aponta para a atuação do então prefeito Duílio Genari, na legalização dessa área. Em suas memórias, confere protagonista a esse prefeito, tratando-o como o único administrador público que teria atuado na causa, o que possivelmente tem a intenção de combater a

⁴ Conforme aponta Portelli, existem relações de poder que perpassam o contato entre pesquisador e narrador, porém, é possível construir uma “igualdade na diferença”, quando ambos se unem com o objetivo comum de construir certa memória. (Cf. PORTELLI, 1997).

5

propaganda realizada por administrações municipais posteriores à de Genari, que deram continuidade à política de urbanização daquela região da cidade, cuja legalização dos lotes foi um processo que se arrastou por décadas.

Em outra direção, notamos como, em seu relato, os problemas legais da área não têm a mesma proporção que adquiriram na imprensa e em obras memorialísticas da década de 1970 e 1980. Ao tratar a realização do loteamento e a legalização dos lotes a uma só vez, João constrói a noção de que o processo de escrituração dos terrenos foi rápido, não existindo grandes problemas relacionados com esse aspecto. Para tanto, aponta para a prática, corrente na época, de que não era comum se escriturar os imóveis, tendo-se em mãos apenas contratos de compra-e-venda. Para solidificar essa perspectiva, termina o fragmento anterior falando que: “todo pessoal hoje aí está com seu terreninho, cercadinho é... escrituradinho beleza”, relatando de forma “cantada” – com ênfase nos diminutivos –, um possível recurso para restabelecer, na narrativa, a normalidade, com uma fala que reproduz a regularidade da vida cotidiana. Entretanto, durante a entrevista, quisemos saber mais sobre essas transformações, principalmente para entender como outros loteamentos vieram a surgir naquela localidade, uma vez que o bairro é muito maior que a área de propriedade do falecido pai de João:

É através e desse loteamento aí aqueles, moradores já também o... os mais antigos, eles foram, simpatizando com, com a população que, de quando desde quando foi aberto o loteamento já... já a gente já foi carpindo e sabe? Né? Cercando nem que fosse de balaústre ali, de ripa, pra dizer que o, ali é... era garantido dele, que então os outros pessoal foram, pegou, aquele loteamento aí foi igual um modelo na vila [...]. Então foi através desse loteamento, que o Carmelito também loteou, o Pompeu loteou, porque aquele tempo a... lavoura não tinha, não tinha valor, sabe? Você plantava assim era, era só mesmo para o, para o consumo mesmo, [...]. Então eles acharam bonito aquele modelo ali: “já vamos então”, vamos fazer umas ruas”, até o Carmelito falou: “mas como é, Alcindo, que você fez as ruas aí” o pai falou: “fez não, isso aqui é tudo a, a imobiliária que mediu e, eles que abrem”, ele ficou abismado: “ah... é a imobiliária que”, né? Ele [o pai de João] falou assim: “Não, aqui vem tudo com a patola e, e tá o topógrafo lá e, e mira lá e sai lá, depois a imobiliária só vai, piqueteando, né? [o Carmelito respondeu:] “Ah, tá”, aí ele já loteou e depois o Pompeu, aí o outro, seu Eduardo que tem, quase na saída essa do do Pioneira também, aí depois o... o loteamento maior que saiu foi esse, que, bem dizer pegava da [pausa] da rua aqui que, essa rua que sobe do Mini Hospital que sobe ali? Dali pra baixo era tudo desse fazendeiro, o... esqueci, esqueci o nome do [pausa]. Eu sei que, é foi o loteamento maior [feito nas terras do fazendeiro cujo nome não recordou], mas através desse loteamento aqui [do pai do narrador] que, a turma foram, foram fazendo um, aí saiu um, dois três, e quatro [loteamentos] com esse, esse grandão que era fazenda aqui...

O narrador cita em detalhes, então, como as imobiliárias e os proprietários das terras de *posse*, do Pouso Frio, fizeram loteamentos nesse local. Dessas iniciativas surgiria o bairro

6

Pouso Frio, posteriormente rebatizado de Boa Esperança. Nesse processo, João frisa que seu pai teve um papel importante, realizando o primeiro loteamento, mostrando aos vizinhos que tal negócio seria viável, além de uma alternativa para uma agricultura pouco lucrativa, na visão do narrador, por ser voltada apenas à subsistência. A demarcação dos lotes, com “ripas”, seria uma forma de demonstrar a seriedade do empreendimento e definir concretamente a existência e os limites dos terrenos. Na sequência, no trecho citado acima, João constrói memórias em que seu pai aparece com um *benfeitor*, que ajudava as famílias pobres que vieram morar no bairro. Tenta construir, portanto, imagens que o colocam como um homem *bom*, que atuou em prol do bem comum, possibilitando a essas pessoas um lugar para morar, tratando a construção do loteamento como uma obra de altruísmo.

Uma questão que nos preocupou, no momento da entrevista, era verificar se existiram movimentos organizados de reivindicação de benfeitorias urbanas. Segundo João, não houve mobilizações e nem grandes cobranças dos moradores, pois o então prefeito Duílio Genari os teria atendido prontamente, sem que fosse necessário fazer pressão. Dessa forma, relata as transformações ocorridas na infra-estrutura do bairro como *dádivas*, recebidas através da boa-vontade daquele político. Assim, o narrador constrói a noção de que o bairro, em pouco tempo, foi dotado de benfeitorias urbanas, não tendo sido grande o período em que os moradores viveram sem usufruir delas. Além disso, tanto Genari quanto seu pai, são apresentados como benfeitores locais, sendo que um teria possibilitado às populações pobres da cidade um lugar para morar, enquanto o outro teria se preocupado com a infra-estrutura.

Por outro lado, João aponta que os equipamentos urbanos não eram uma necessidade tão premente entre os moradores, por conta de suas maneiras de viver, tipicamente rurais. Todavia, notamos que ele procura minimizar os problemas vividos no local, o que pode estar relacionado com sua intenção de construir memórias positivas sobre a atuação de sua família na fundação do bairro. Ao afirmar que os moradores não sentiam falta de certas benfeitorias urbanas, notamos que ele não leva em consideração os inúmeros trabalhadores pobres que foram habitar o Pouso Frio, na década de 1970, mas aos sítiantes que ali viviam como agricultores, no período anterior.

Na sequência dessas questões, ficamos preocupados em saber ao certo qual era o espaço ocupado pelo Pouso Frio. Nesse momento, o narrador realiza uma espécie de cartografia do local, indicando, com detalhes, os contornos que o bairro possuía, tomando

7

como referência suas atuais ruas. Na sequência, apresenta uma queixa, sobre como a denominação *Boa Esperança* deixou de aparecer nas plantas urbanas de Toledo, que passaram a utilizar apenas a referência *Grande Pioneiro*, em alusão ao vizinho bairro *Vila Pioneiro*, popularmente chamada de *Vila Pioneira*: “...agora você pode ver no mapa, você não vê mais Boa Esperança, você só, vê Grande Pioneiro, então eles, uniram, os dois bairros”.

De acordo com Neil Smith (2000, p. 140), o espaço não existe como entidade abstrata, mas é construído por meio das relações que os seres humanos estabelecem com ele, sendo a construção de escalas algo politicamente construído, em meio a tensões. No caso em tela, notamos como João, construindo uma cartografia para o bairro, o revela como um “território” (ARANTES NETO, 2000, pp. 106-107) importante para o seu viver urbano. Diante disso, o narrador, em diversos momentos da entrevista, demonstra ter orgulho de morar no bairro – provavelmente por entender-se como “pioneiro” do local –, sentimento que afirma não ser compartilhado por muitos. Assim, explicita sua contrariedade para com as mudanças realizadas nos mapas e plantas urbanas da cidade, procurando destacar, com precisão, como o bairro Boa Esperança era maior que a Vila Pioneiro, situando ali o motivo de não compreender a generalização da denominação desse bairro para toda a região da cidade onde vive. Percebemos ainda que, tal atitude, aos seus olhos, constrói um esquecimento em torno do bairro, e com ele, das marcas deixadas por sua família na cidade.

Dessa maneira, notamos como as memórias de João realizam o movimento de inscrever sua família na história da cidade, razão pela qual se remete constantemente ao *pioneirismo* e às marcas deixadas por seu grupo familiar, minimizando os problemas que foram experimentados no local, para privilegiar os *bons momentos* ali vividos. A figura do então prefeito Duílio Genari é de vital importância para a composição desse enredo, pois é lembrado como político honesto e diligente, como alguém que resolveu, com prontidão e rapidez, os problemas que ali existiam, antes mesmo deles surgirem, pois, como afirma João, as benfeitorias urbanas foram realizadas pela administração municipal quando os modos de vida da população do local ainda sequer os requisitavam. Nesse sentido, é preciso frisar que, para tornar essa construção coerente, João silencia, quase por completo, a presença de trabalhadores pobres no bairro – lembrada em poucos momentos, como quando exalta a atuação de seu pai, em ações caritativas –, centrando sua narrativa nos sitiantes e fazendeiros que viviam naquele local.

Conseguimos dialogar melhor, sobre essas populações trabalhadoras pobres que viviam no antigo “Pouso Frio”, com Maria, esposa de João, talvez porque, diferentemente do marido, ela própria se percebia como parte daquele conjunto de moradores. Ela, por sua vez, contava 55 anos quando da realização de sua entrevista, no dia 20 de janeiro de 2010, quando trabalhava como dona-de-casa e seu depoimento oral. Seu depoimento oral, produzido antes que o de João, quase não contou com nossas intervenções, sendo a narradora quem escolheu os enfoques principais.

Segundo nos relatou, nasceu em Laranjeiras do Sul, de onde saiu com seus pais aos sete anos de idade, com destino a Toledo. Fizeram parte do caminho de *cargueiro* – carroça puxada por tração animal – e o restante de ônibus. Se instalaram na Vila Brasil, destino de muitos trabalhadores pobres que chegavam à cidade, na década de 1960. Desse local, se mudaram para o distrito de Ouro Verde, outro local onde diversos trabalhadores rurais não-proprietários se dirigiam, para trabalhar nas lavouras de café. De lá, mudaram-se para os arredores da cidade de Toledo, em um local onde hoje é o bairro Boa Esperança, tendo se deslocado, posteriormente, para uma chácara próxima ao local onde fica, atualmente, a cervejaria Colônia.

A trajetória de Maria revela um “itinerário” (LAVERDI, 2005) comum ao de muitas outras famílias trabalhadoras, que afluíram a Toledo sem posses ou capitais para adquirir propriedades, sendo que os locais onde viveu podem ser considerados *territórios* dessas populações, na cidade. Ela própria relata que sua vida, nesses tempos, foi marcada por experiências de pobreza e privações, período em que sua família dependia da ajuda de outras pessoas para sobreviver. É assim que ela narra sua experiência na escola, como parte inicial de sua narrativa, quando resume sua trajetória:

...no colégio das freiras, que hoje [ainda] existe e lá ela [a mãe de Maria] conseguiu, vagas, dada pra nós estudar [gratuitamente] né, então a gente não tinha alimento para levar [pausa] um lanche né? E... é muito triste lembrar, voltar lá no passado mas, é foi uma, é uma realidade da minha vida, e... e assim eles começaram, então lá a gente não tinha, o que levar lá pra lanche, então, da onde nós tá, de lá da, adiante um pouco da, da [cervejaria] Colônia, até o colégio das freiras, dava cinco quilômetros de manhã, daí elas, soltavam meio dia a gente tinha que caminhar cinco quilômetros de volta, e lá a gente vinha pela estrada, sem o que comer, e... já foi, já foi com fome só que as freiras davam lanche, e nós pra poder estudar, as freiras exigiam que... que nós, é... depois que os ricos comessem que as crianças, a gente tinha que limpar o pátio assim juntar os lixos que eles jogavam, tinha lixeiro por tudo mas certo, nem, nem toda criança, cuidava, né, né, e daí, quando elas [as crianças], subiam, entravam pra sala, eu tinha que ficar, né, ajuntando os, os, os, restos de lixo, os, os, papel, coisa assim, e muitas vezes me alimentei até de, resto de comida que... essas crianças ricas

comiam, mas eu não me arrependo porque... Graças à Deus! Pelo menos eu tenho um pouquinho [de escolaridade], aí eu estudei o primeiro ano, o segundo ano, quando eu passei para o terceiro ano, aí como a gente era um, muito, carente, e... precisava trabalhar para, sobreviver, pra ajudar a minha mãe, meus irmãos, e daí as freiras davam roupa pra gente, uniforme, e... aprenderam a gostar da gente, daí todos os dias era a mesma [roupa], e quando era no sábado nós tinha que trabalhar, o dia inteiro limpar os pavilhão, tudo, [...]. Mas daí quando cheguei, porque eu passei para o terceiro ano, na época meu pai dizia que... mulher não precisava estudar, [...] que mulher era só pra, pra ficar cuidando de filho casa, essas coisas assim...

Na passagem acima, Maria “compõe”⁵ as memórias de sua vida em Toledo, colocando como foco as vivências da escola. Nesse período, ainda na década de 1960, como frisa, sua mãe conseguiu vagas para os filhos estudarem em uma escola privada, mantida por religiosas católicas. Sua narrativa evidencia as dificuldades enfrentadas naquele tempo, como a fome, experiência que relata ter vivido em vários momentos de sua vida. No fragmento anterior, notamos que a narradora fala muito emocionada – em certos trechos quase chora –, dos momentos em que ia para a escola com fome e não tinha nada para levar de lanche, tendo que se alimentar, em certas ocasiões, de restos de comida. Como um paliativo para a má alimentação, todavia, aponta para as ações assistenciais das religiosas, que lhes forneciam lanche e uniforme, em troca de trabalho.

Nesse momento, Maria faz uma leitura das relações sociais vividas naquele período, indentificando componentes de classe no dever de ter que recolher o “lixo” das “crianças ricas”. As práticas adotadas pelas religiosas, de utilizar ações assistenciais com forma de disciplinar as crianças pobres da cidade para o trabalho, são lembradas por Maria em seu conteúdo de submissão de classe, elemento que denota sua “consciência” (THOMPSON, 1981, p. 182) de que a desigualdade social não é obra do acaso, mas a negação de direitos, como veremos adiante. O relato sobre essas experiências é precedido por um “é...”, que indica como a narradora pensou naquilo que ia dizer, organizando sua fala.

Logo em seguida, trata do abandono da escola, na terceira série, que teria ocorrido por motivos culturais, uma vez que seu pai achava que ela, por ser mulher, não precisava estudar. Em outros momentos, entende que, parte das dificuldades enfrentadas ao longo da vida, tiveram origem no abandono precoce da escola, o que a teria levado a investir nos estudos da filha, hoje portadora de ensino superior. Dessa maneira, constrói um enredo em que explica as

⁵ Através desse conceito, Thomson trabalha como o passado sempre é lembrado a partir das experiências vividas no presente e, portanto, como as memórias estão em constante transformação, cuja “composição” depende da trajetória de vida do narrador. (Cf. THOMPSON, 1997, p. 56-57).

10

condições de pobreza e adversidades vividas como algo causado pela falta de oportunidades, deixando claro que sempre trabalhou, com muito esforço, para superar tal quadro.

Na passagem citada, também podemos notar como a presença de trabalhadores pobres na cidade e em seus arredores, não foi algo posterior a década de 1970, como muitas vezes a literatura memorialística local e a historiografia acadêmica regional preconizam. Percebemos ainda que a pobreza não foi algo exclusivo do meio urbano, uma vez que a zona rural também era um ambiente em que se faziam presentes relações de classe, não sendo todos os trabalhadores rurais, proprietários – como aqueles meios muitas vezes também difundem –, razão pela qual notamos experiências de privação também no campo.

Depois de adulta, e já casada com seu falecido esposo, Maria mudou-se novamente para o bairro Boa Esperança, na década de 1970. Precisamos frisar que ele era irmão de seu atual marido, razão pela qual a narradora sempre se remete aos sogros como uma condição presente. A memória dela ressalta a vida no local como uma experiência de sofrimento, possivelmente relacionada mais à sua viuvez – e a pobreza que, mesmo em menor intensidade, continuou a viver ali – do que à falta de infra-estrutura no lugar, uma vez que, como percebemos, quando chegou ali, foi morar no sítio de propriedade de seu sogro, onde a vida seguia o ritmo do campo, com o qual ela se identificava:

...daí quando eu cheguei aí nessa, nesse bairro, eu, eu sofri bastante, sofri muito, mas aqui dava pra criar porco, galinha, fazer horta, eu, trabalhei, como [inaudível] de roça mesmo, eu tinha de tudo, tudo [todos] que passava, que chegava, foi se admirando, então a casa melhor que tinha aqui no bairro, foi a minha porque daí foi, daí o meu marido trabalhou na [empresa] Valdir Becker e mandou os empregados vim ajudar a fazer, né, mutirão assim, então daí a gente mudava, móveis não tinha não [pausa] até hoje eu tenho a mesinha ainda que, que nós tinha, e... tomava banho de bacia [...] era, vivido de bóia fria, e ele tocava, o bóia-fria bastante [...] daí a gente ainda não tinha, nada pra por no assoalho [...] o único móvel que eu tinha era um guarda roupa que o meu marido comprou de quatro portas foi o primeiro móvel da vida, e... certo dia a gente comprou uma televisão, ele tinha um sonho né, era à bateria, que sofrimento, daí meu sogro com carrinho, de cavalo levava pra carregar a bateria e trazia e quando não tinha não tinha, e aquela vida, mas era um, nossa! A coisa mais importante que nós a gente, que eu tive na vida, né? E daí, quando a gente pôde, daí meu marido entrou na Valdir Becker, e... trabalham, lá trabalhando, lá ele pegou e comprou as madeiras do assoalho ele comprou, e daí ele, eles vieram mandou todos os empregados vim eles foram, coisiando, né? Fazendo o assoalho. E a gente não tinha móveis para tirar mesmo, tinha umas coisinhas pequetinha assim né, banco, coisaradinha. E... e não era que nem é hoje, hoje nossa! Hoje aqui é uma cidade! Até adoro esse lugar que foi aqui que eu consegui a minha vida [...].

Maria apresenta outros elementos que também compunham seus modos de vida no bairro Boa Esperança, como a possibilidade de ter uma horta e de criar animais para seu consumo. Eles aparecem de forma positiva, possivelmente por afastarem a possibilidade da fome e por aproximarem-se do campo, do *sertão*, com que Maria muito se identificava. Outro elemento positivo que emerge de suas memórias é a casa própria, a *melhor do bairro*, construída também com muito trabalho e empenho, lembrando-se do esforço de sua família e de seu marido – em diversas passagens de sua entrevista –, para que pudessem construir a casa de madeira. Na passagem anterior, relata o trabalho coletivo dos colegas de serviço do marido, ressaltando também a conquista do assoalho da casa, elemento importante para a moradia não ser mais considerada precária. Seu relato nos mostra como ela e o marido iam improvisando suas vidas, construindo a casa com o apoio da família e dos amigos, confeccionando, eles próprios, os primeiros móveis, apesar das grandes dificuldades vividas, uma vez que, em diversos períodos, atuaram como trabalhadores voltantes, ou seja, *bóias-frias*. As fases de trabalho regular, em empresas, são consideradas tempos de prosperidade, quando podiam comprar alguns móveis e eletrodomésticos, como o guarda-roupa e a televisão à bateria, alternativa para a falta de energia elétrica.

Suas memórias se diferenciam muito das de João, como afirmamos, recordando-se da pobreza e das dificuldades que existiam no local, privilegiando o tempo posterior ao loteamento efetuado pelo sogro e vizinhos. Um dos temas que ganham ênfase em sua narrativa é a falta de água:

...aí achava muito longe para pegar água nós mandamos cavar um poço, com dezoito metros, ele deu água, depois, secou, aí foi cavocado de novo, e, e os pedre, e os poceiros [cavadores de poços] lá quebrando, ele foi pra vinte um metros, deu água de novo, aí a gente servia também, pra todos, os moradores de por aqui porque a sede era muita, aí, chegou uma certa época que... [...] teve uma seca muito terrível, não chovia não chovia de maneira nenhuma, os poços secaram todos! Aí, nós ia morrer de sede, tudo, aí o prefeito não lembro quem era, é... mandava uma, um caminhão pipa de água, aí eles parava assim nas casas né, esperava a gente encher o tanque a panela o balde a chaleira, o que que podia [...]. E a gente, todo mundo aquilo lá era terrível, é tá que nem hoje eu vejo, o problema ali no, lá no Haiti, me lembra essa cena, porque era tremendo sabe, o povo vinha todo correndo com aquele, o chão abria assim, era era era horrível horrível horrível horrível! Não tinha pra onde a gente correr, e daí a miséria, a fome, ia fazer o que? Quem que, que tinha, bóia-fria pra carpir na época que hoje nem tem mais, mais, veneno e tanta coisa, daí então, terminou esse serviço, e daí, como ia sobreviver? [...] a poeira era tremenda, era terrível terrível terrível, e daí... o povo se [de]batendo de fome [...] daí quando apurou muito mesmo, é... eu ia lavar a roupa eu não agüentava, porque a fraqueza da fome era, era demais e [...] a sede, a gente ali cuidando da água do tanque, mas como que ia beber, aquela água, não tinha como mais, aí eu me lembro que, umas três

vezes eu caí, né, de da fraqueza, de fome, fome e sede, e... aí... uma vizinha mandava, polenta pra gente, e... um tal de espinafre, que Deus me perdoe até hoje eu não posso ver ele, mas era a, a única solução de sobrevivência, e... e a água a gente ia tomando, cuidando, não tinha como porque o calor era tremendo, e não, e não tinha luz e não tinha água e não tinha nada! Aí os poços todinhos secou, só não secou... um poço que o meu falecido sogro tinha lá embaixo, então daí a gente, descia lá, catar água, só tinha que fazer fila, pra cada um, vinte e cinco [metros] tinha o o... [poço], era um latão e nós enchia, então, ia enchendo, ele [...] deixava todo mundo pegar água ali, faziam filas, era, era era triste, aí, o prefeito mandava de volta os caminhão pipa de novo pra gente, aí foi o ano que a gente foi, lutando tanto pra sobrevi, pra, sobreviver, aí os que não agüentaram mesmo mais, foram vendendo, as, as propriedades assim [...] foram indo, pro mato, lá voltando de volta quem podia ir, mas a gente já tava, eu mesmo não tinha mais como, voltar, de volta pro sertão, onde eu vivia. E... e acabei, passou e os anos foram passando, foi passando, aí... e depois passou-se muitos meses, continuamos, nessa situação, aí... e começou a vim as chuvas né, graças a Deus, e daí a gente começou de novo a ir para a bóia-fria trabalhar e... e tudo, e... e se esforçava muito mesmo, então, é... aí foi onde que a gente, pelo menos para, comer e sobreviver, a gente, tinha, porque tinha, se tem, tem chuva água, que a gente tudo que planta, sempre nasce, aí foi onde que, né, que começou de novo, a gente fica melhor de vi[ver], é, melhor assim, é... é financeiramente, para comer...

No período em que realizamos a entrevista, estava sendo televisionada a catástrofe ocorrida no Haiti, iniciada com um terremoto, naquele ano de 2010. É dessa cobertura, realizada pela televisão, que Maria toma o enredo para relatar as dificuldades vividas no bairro, décadas antes, como a falta de água no local, com os poços que tinham que ser cavados em grandes profundidades, gerando dificuldades até mesmo para retirar a água com baldes. A partir disso, narra um suposto período de seca, vivido no local, como uma experiência trágica, apontando para cenas como aquela em que “o povo [aparecia] se batendo de fome” e que o “chão abria”, referindo-se a terra rachando, não apenas em função da seca, mas em uma alusão ao terremoto do Haiti.

Nesse enredo, relata um agravamento na falta de água, ocasionada com o secamento temporário dos poços, o que a teria levado a passar sede, em virtude do racionamento d’água que se seguiu. Tal experiência, associada à fome, que também viveu naqueles tempos – quando o trabalho volante, a *bóia-fria*, cessou em virtude da estiagem – a levava a desmaiar e ter que se alimentar apenas com espinafre e polenta, pratos pouco nobres da culinária regional. As ações de seu sogro – compartilhando a água do poço – e do prefeito, surgem como gestos de pessoas benevolentes, que salvaram os habitantes da sede. Por fim, a chuva aparece como a finalização daquele sofrimento, trazendo novamente vida aos campos e plantações, e, conseqüentemente, trabalho e alimentos para os moradores. Por fim, a impossibilidade de retornar ao campo é evocada por Maria, para explicar a inevitabilidade

13

dela ter que morar na região do outrora chamado “Pouso Frio”, explicando que não era sua culpa as privações por que passou, o que a tornaria merecedora de ajuda, que em seu relato chega com a eleição do prefeito Duílio Genari.

Esse político aparece na entrevista, quando Maria relata as melhorias que começaram a ocorrer em sua vida, a partir da mudança de emprego de seu falecido marido, que passou a trabalhar na fábrica local da Sadia, momento tratado nas memórias da narradora como um marco, pois ela e o marido já podiam se alimentar melhor. Na sequência, emerge outro elemento de melhoria em sua vida: as obras de infraestrutura realizadas no bairro, na visão dela, advindas da eleição de Genari para prefeito:

...mas um certo dia, é, teve uma eleição onde foi onde que entrou o Duílio Genari [como prefeito municipal] [...] o povo desse bairro, não esquece, porque foi o único prefeito que teve, a dignidade de pegar um Opala, eu me lembro, o carro, um Opala preto que ele tinha, ele vinha de casa em casa, entrevistava, fazia o jornal, né, fotografava, era muito bacana, [...] ele vinha de de casa em casa, ele falava: “pois eu vou lutar, e pode ter certeza que de hoje em diante, de daqui uns, uns meses em diante, vocês não vão mais precisar, tá cavoucando”, porque cavoucava poço não dava água, cavoucava outro não dava também, aí foi o único prefeito, que falou: “essa história vai ter que mudar, aqui não vai ser mais Pouso Frio” [...]. E, ele foi, acho que no, é o congresso [câmara de vereadores] ou não sei o que é né, e lá ele lutou pra... mudar o nome desse bairro, que até então hoje é, Boa Esperança, e... e lutou por primeiro, mandou já vim os caminhões colocando cascalho e ele ganhou para ser prefeito ele já mandou jogar cascalho e... pedra e... terra em todo buraco, a erosão já tinha, era terrível aqui, aí, e mato, era tudo carreador, aí, ele fez, já colocou ônibus aqui também [...] a gente [antes da instalação das linhas de ônibus] ia comprar lá [no mercado situado na avenida próxima ao bairro] [...] daí a gente dava uma bolsa nas costas e vinha, então, aí, [...] [os] ônibus aí, eram pequenininhos, pequenos mas era muito bom [...] e daí ele [o prefeito] falou só que tinha que desmanchar porque... era uma chácara e tinha gado aqui do meu, meu sogro assim, de leite só né, porque [inaudível] tinha muito neto também, né, ele doava leite pras crianças. E... aí eles acho que aceitou, daí ele falou então como, o lote, pegava no caso lá nesse bar da frente, ele falou que ele indenizava, em dinheiro, pra minha sogra [...], então desses lotes [...] minha sogra foi loteando [a chácara] sabe? Ela foi vendendo a troco quase de nada porque, é... não tinha valor também né, muito. Aí, aí seu Duílio Genari, conseguiu, daí tirou umas casa [...] [porque] cada um fez [a casa] do jeito que dava, aí eles mediram certinho os terreno, e aqueles que não podiam, que, que tavam assim na que, no, digamos [no espaço onde seria a rua] [...] [para] fazer asfalto, passar os postes, pra luz e coisa assim, né, água, aí foi conversando com o pessoal o pessoal muito sofrido foram aceitando, daí ele, ele falava assim, daí, pegou um loteamento, pra cá assim, e lá ele foi construindo as casas pra quem tava digamos dentro do, onde ia passar a rua, né, pra endireitar essa vida porque isso não é vida! Ele conversava com carinho com as pessoas e as pessoas entendiam, e eles aceitavam assim mesmo, rapidamente ele já mandava, gente, e já mudava, a casa e... tipo as casas de madeira, que [inaudível] ele, ponzava outras no lugar, e foi assentando, e, foi modelando por aí, assim que deu de passar daí a luz ele passou, e já veio pedra [cascalho] já foi arrumando tudo, já circular [ônibus] [...] e já veio os postes, isso, Nossa! Não pode nem imaginar, a felicidade a alegria, porque a gente passou...

Inicialmente, Maria apresenta a eleição de Genari como um marco para o local, o qual, ainda na campanha eleitoral, teria visitado os moradores e feito promessas, que cumpriria assim que assumisse o cargo. Notamos que, no relato de Maria, *colocar no jornal* – em panfleto da campanha, provavelmente – se torna uma garantia de que o compromisso assumido verbalmente com os moradores seria cumprido, passando-o para o papel e tornando-o público, também passível de ser guardado pelos moradores, para posteriores cobranças.

Na sequência, sua narrativa evidencia aquele prefeito como um homem diligente, que rapidamente realizou as obras no bairro,⁶ sentido reforçado no fim do fragmento citado anteriormente, em que Maria fala de forma rápida e afobada, elencando as principais obras da gestão de Genari, realizadas no bairro. Graças também ao suposto carisma daquele prefeito, a narradora entende que foram possíveis as mudanças das casas de madeira, que, junto com o conjunto da urbanização do local, é tratado como um processo transcorrido sem conflitos, como se todos os atingidos tivessem ficado satisfeitos com as transformações vividas no lugar. Ou seja, neste caso, a afetividade emerge como elemento de disputa, que, assume um caráter ativo na entrevista de Maria, dissuadindo as tensões que permearam aquele processo.

A partir das obras de Genari, Maria entende que o local passou a ser urbano, motivo pelo qual o que havia restado do sítio de seu sogro foi repartido em lotes urbanos. Como observamos, Maria situa o processo de loteamento da propriedade do sogro como algo posterior às obras realizadas pela prefeitura municipal, sugerindo o surgimento do bairro como algo que ocorreu espontaneamente. De maneira semelhante a João, ela também caracteriza o sogro como uma pessoa generosa, que, antes da urbanização, doava leite para as crianças, e, depois, comercializava terrenos a preços baixos.

Além dessas questões, a narrativa de Maria revela outras demandas junto ao poder público, pois, no trecho citado anteriormente, ela também revela a necessidade de transporte público, uma conquista relatada sob a óptica de dona-de-casa, que, com os ônibus, podia fazer as compras sem precisar carregá-las até em casa, a pé. Outra demanda que aparece em sua narrativa é a mudança do nome do bairro, de *Pouso Frio* para *Boa Esperança*, medida que apoiou, pois contribuía para a construção de uma imagem positiva para o local.

⁶ Conforme aponta a obra **Toledo e sua história**, a urbanização e regularização daquela região da cidade – que não se limita à vizinhança de Maria e João – se arrastava ainda pela década de 1980, período em que foi publicada a obra. Além disso, temos informações de que a situação legal somente veio a se resolver na década de 1990. (Cf. SILVA et. al., 1988, p. 400).

De maneira geral, Maria *recompõe* suas memórias relatando uma mudança radical em sua vida, decorrida das ações de Genari, cujas obras – entendidas por ela como resultado apenas da vontade pessoal do prefeito – são transformadas em marcos, tratados como parte de uma trajetória ascendente que culmina no ponto em que sua filha pôde ir para a escola e fazer faculdade. Portanto, sua narrativa destaca como ela se vê nesses projetos, e como sua expectativa em obter melhorias – mesmo que pequenas – nas condições de vida acabou sendo viabilizada, graças ao apoio recebido do então prefeito municipal e sua gestão.

Entretanto, notamos como as memórias positivas construídas sobre Duílio Genari não revelam apenas a submissão de Maria, pois em seu relato aparecem cobranças aos políticos do presente, além de processos de sua consciência, acerca de direitos. Assim, lamenta que as práticas de Genari – principalmente a atenção dispendida aos moradores do bairro, tanto no passado como no presente – não sejam seguidas por outros administradores públicos, revelando um modelo de político ideal nutrido por ela, ou seja, aquele que mantém relações mais próximas com os cidadãos e esteja disponível para ouvir e atender às suas reivindicações. Por outro lado, em certos momentos de sua narrativa, elabora uma fórmula do gênero “não existe lugar pobre, mas mal administrado”, passagem reveladora da percepção de que a pobreza não é natural, mas construída socialmente, cuja solução estaria na atuação do poder público, com ações que minorem os efeitos negativos da pauperidade, tais como aquelas desenvolvidas na gestão de Genari.

Na visão de Maria, as ações do poder público, na década de 1970, não apenas fizeram obras de infraestrutura no bairro, mas reconheceram seus moradores como cidadãos efetivos da cidade, compreendendo, ela, que a administração municipal lhes *deu valor*, sendo isso mais que considerá-los importantes, compreendendo-os como portadores de direitos. Tais elementos revelam a existência de uma relação política – e de dominação – que não se dá em apenas uma direção, mas nos lembram do binômio paternalismo-deferência estudado por Thompson (1998, pp. 69-70).

Entendemos que as memórias de João e de Maria são significativas, pois nos auxiliam a pensar como esses trabalhadores, mesmo compreendendo as transformações ocorridas no espaço urbano de Toledo como obra de seus administradores municipais, não deixaram de se perceber como sujeitos de suas próprias histórias. Apontam, inclusive, para formas diversas como viveram tais processos de urbanização e como os trataram – também de diferentes

16

maneiras – em suas consciências.⁷ Percebemos, então, como a urbanização do local contribuiu – mesmo tendo se desenvolvido em plena ditadura militar, por meio de uma gestão paternalista e personalista – para que pessoas, como Maria, desenvolvessem concepções acerca de direitos e cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES NETO, Antonio Augusto. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004. pp. 155-172.

FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). **Cidades**. São Paulo: Olho d'Água, 2000. pp. 5-13.

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores na paisagem social do extremo oeste Paranaense (1970-2000)**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**. São Paulo, PUC/SP, n. 14, pp. 7-24, fevereiro de 1997.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES NETO, Antônio Augusto (org.). **O espaço da diferença**. Campinas/SP: Papirus, 2000. pp. 133-175.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, PUC/SP, n.º 15, pp. 51-71, abril de 1997.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DOCUMENTOS E ENTREVISTAS ORAIS CITADOS

⁷ Percebemos aqui o movimento clássico que compõe a experiência social, ou seja, as pessoas lêem a realidade e a tratam nas suas consciências e cultura. (Cf. THOMPSON, 1981, p. 182).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

17

João, pedreiro, morador do bairro Boa Esperança de Toledo-PR. A entrevista foi realizada em 20 de janeiro de 2010, quando ele possuía 49 anos de idade.

Maria, dona de casa, moradora do bairro Boa Esperança de Toledo-PR. A entrevista foi realizada em 20 de janeiro de 2010, quando ela possuía 55 anos de idade.

QUEM É o dono do Pouso Frio? Ou a história de gente que só quer viver. **Tribuna D'Oeste**. Toledo/PR, n. 94, ano II, pp. 10-11, 27 de julho a 03 de agosto de 1977.